

IMAGENS DA FELICIDADE E MEMÓRIA EMMAR ME QUER, DE MIA COUTO

Nanci do Carmo ALVES (UERJ)

E-mail: naancirj@hotmail.com

Imagens da felicidade em *Mar me quer*, de Mia Couto

Sou feliz só por preguiça. A infelicidade da uma trabalhadeira pior que doença: é preciso entrar e sair dela, afastar os que nos querem consolar, aceitar os pêsames por uma porção da alma que nem chegou a falecer. (COUTO, 2000, p. 1)

Mar me quer, do escrito moçambicano Mia Couto, é uma narrativa leve, com aquela espécie de leveza da qual Ítalo Calvino fala em *Seis propostas para o próximo Milênio* (1990), que, suavemente, conta a história de Luarmina e Zeca Perpétuo, um pescador, que é o narrador da história. Ele relata sua vida, a de seu pai e de sua amada, a mulata. Trata-se de um enredo que fala de pescadores: Zeca; seu pai Agualberto Salvo-Erro, que rejeita a religião dos brancos no final de sua vida; o avô Celestiano, que muitas vezes, briga com o filho por este “meter-se no mundo dos brancos” (COUTO, 2000, p. 14).

Merece destaque, em especial, o avô de Zeca, o ancestral, o mais velho, figura importante na cultura de Moçambique, como de quase toda a África em geral, representando o conhecimento dos saberes da terra e a perpetuação dos mitos, das lendas, das crenças, da cultura. Aliás, os sete primeiros capítulos são precedidos de epígrafes, cujo texto é atribuído pelo narrador, ficcionalizando, duplamente, a figura de narrador-personagem e autor(-intratextual), ao avô Celestiano; e o oitavo e último capítulo tem por epígrafe, segundo Zeca, em tripla função de personagem-narrador-autor, uma “*Lembrança de minha avó sobre o último instante do velho Celestiano*” (COUTO, 2000, p. 63)

Zeca trabalha desde os seis anos de idade, quando substituiu o avô no barco de pesca. Dois anos depois, ele ficou órfão de pai, que “perdia o juízo e saía de casa, cego e louco” (COUTO, 2000, p. 14), por causa da suposta morte de sua amante. Depois disso, sua mãe o entrega ao padre português Jacinto Nunes, que lhe ensinou os “preceitos de

Deus e livro” (COUTO, 2000, p. 14)”. Ele teve ensinamentos da religião dos colonizadores, aprendia com o padre e não com seus familiares. Mas o menino trocou tudo isso por rede. Trabalhava muito e recebia pouco, uma sorte que, segundo seu avô, era culpa de seu Pai Agualberto, que “não abençoou o barco dele. Abandonou os antepassados? Castigo é esse” (COUTO, 2000, p. 14). Seu pai, Agualberto também vivia misturado com os brancos e seus preceitos religiosos e o avô sempre reclamava disso.

Assim o menino, muito cedo, estava sozinho, e foi assim por sua vida quase toda. Na sua velhice, já não pesca mais: “Por isso eu, um reformado do mar o que me resta fazer? Dispensado de pescar, me dispenso de pensar” (COUTO, 2000, p. 10). Ele se sente infeliz pela impossibilidade de trabalhar, de ser útil e ter uma vida produtiva.

Zeca Perpétuo e Luarmina são vizinhos cada um guarda seus segredos do passado. No entanto, ele vive o presente, sempre desejando a moça. Eles já não são jovens e, cada um com seus segredos, vivem juntos em seu cotidiano, encontrando-se sempre à tardinha. Ela, ligada ao passado, triste com a vida que não viveu, filhos que não teve, sente-se, por isso, presa ao passado, deixando de ter amores, e pede a Zeca, seu vizinho, que lhe conte coisas vividas no passado. Mais tarde, descobriremos que, talvez, ela seja a mulher que teve um amor inacabado com o pai de Zeca, Agualberto Salvo-Erro. Ele deixou ao filho a responsabilidade de cuidar dela, dar comida todos os dias à sua amada, supostamente sepultada no mar.

O pai de Zeca achava que sua amada estaria morta e, depois de procurá-la por horas, saiu do mar com os olhos brancos, perdendo, por isso, a capacidade de pescar. Perde, também, a capacidade “enxergar”.

Zeca passa os dias contando histórias para sua amada, algumas inventadas outras, porém, sua ouvinte lhe pede que sejam as que, realmente, aconteceram com ele. Sempre chama sua amada para dançar e, um dia desses, quando ela se recusa, por estar gorda demais, e lhe responde: “Dançar, eu? Com este corpo?” (COUTO, 2000, p. 15). - Segundo o autor é um estado que ela chegou por tristeza- “A mulher, por razões de angústia, se deixara acumular, quilos sobre o peso.” (COUTO, 2000, p. 12). Ele lembra a mulata que quem dança se torna leve, sem corpo e lhe conta a história de Maria Bailarina. Ela estava feliz? Sentia-se leve tão leve que rodopiava sem “sentir” o que estava acontecendo a sua volta e até com seu corpo, o narrador relata:

(...)Dançava que dava tontura no mundo, a homenzoada ficava zarolha do miolo. Os pés dela, todos descalços, machucavam o chão, eram pés

de pilão mas nem poeira levantavam: a terra comovida parecia aprazida desse batimento. (...) Aconteceu que, uma noite ao roçar junto a fogueira, a capulana da dançarina se fez em chama. Maria Bailarina não parou de dançar. O povo começou a gritar, em aviso. O fogo em redor das vestes se adensou e ela não se detinha nem deixava que ninguém se achegasse. Estava possuída pela vertigem, dançava já com a própria morte. Até que estancou, semelhando estar intacta e inteira. Quando a primeira mão lhe tocou ela se desfez em cinza, poeirinha esvoando na brisa. (COUTO, 2000 p. 15).

Nessa narrativa que nos remete a Calvino, em *As seis propostas para o próximo milênio*, o capítulo sobre a leveza traz vários elementos que permeiam as histórias e levam o leitor a vivenciar, sentir, ter essa sensação, seja pela história em si, seja pelas escolhas linguísticas, feitas pelo autor para que tenhamos todas essas experiências ao fazermos a leitura. A dança como algo que traz tanta leveza e prazer que faz com que a personagem Maria bailarina dançando, tenha o seu corpo tão leve que ela flutua embevecida, e sobre a leveza Calvino nos fala:

(...) As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos... No universo infinito da literatura sempre se abrem outros caminhos a explorar, novíssimos ou bem antigos, estilos e formas que podem mudar nossa imagem de mundo... Mas se a literatura não basta para me assegurar que não estou apenas perseguindo sonhos, então busco na ciência alimento para minhas visões das quais todo o pesadume tenha sido excluído. (CALVINO, 1990 p. 19 e 20)

O texto que é leve, mas que também traz a sofrida história do povo, simples pescadores e costureiras que viviam em Moçambique, recém saído da condição de colonizado para um país independente, e, que ainda tem o domínio do ex-colonizador, que detém os empregos. A vida no lugar onde se passa a história é, fruto tanto da intervenção externa, quanto de práticas locais. Viver da pesca, da costura, de afazeres de onde tiram seu sustento. Mas na narrativa há que se conviver com realidades coexistentes, relatando a vida de personagens que “precisam” aceitar, obedecer, porque dependem disso para ganharem a vida e cuidarem de sua família. Segundo Mia Couto em seu livro *Pensatempos*, a independência, não resolveu todos os problemas do povo. Ele diz:

O colonialismo não morreu com as independências. Mudou de turno de seus executores. O actual colonialismo dispensa colonos e tornou-se indígena nos nossos territórios. Não só se naturalizou como passou a ser co-gerido numa parceria entre ex-colonizadores e ex-colonizados. (COUTO, 2005, p. 11).

Essa consciência de passado, presente e futuro; é segundo ele responsável pelo empobrecimento do país, sem começar pelas razões econômicas. Os jovens saem para estudar, e, não se reconhecem mais ao retornarem, como sucessores dos “mais velhos”. Sem alguém que repasse os saberes, a cultura aos mais jovens, o país vai perdendo suas origens sem que essa culpa seja atribuída somente aos que vêm de fora. Isso gera insatisfação e cobranças tanto de quem domina quanto de quem é dominado. Para ser feliz é preciso muito mais do que apenas ser independentes, e, sobre felicidade o autor Ronaldo Lima Lins em seu livro: *Nossa amiga feroz Breve história da felicidade na expressão contemporânea* (1993) fala como a felicidade foi proclamada como uma ideia nova na Europa e sobre a necessidade de construir o destino, assim como também o limite da existência e sobre isso:

Apresentada assim, em termos sociais, continentais, a felicidade libertava-se do espaço das aspirações individuais – da permanente negociação com as instâncias divinas- e se transferia para as ruas, para o terreno da exterioridade; tornava-se possível mesmo para o mais bruto ou primitivo trabalhador braçal. (...) juntos os homens podiam construir o seu destino, e de um modo, com uma competência, que até então ninguém alcançara. (LINS, 1990, p. 23)

Em uma entrevista ao jornal da UFRJ Ronaldo Lima Lins fala ainda sobre a utopia dos homens em buscar a felicidade de formas variadas, procurando nas atitudes mais pacíficas as mais rebeldes, encontrar satisfação:

Quando os homens se imaginam capazes de transformar o mundo, o esforço inicial é acabar com os privilégios. Na Revolução foi assim, acabar com a monarquia em nome do lema: liberdade, igualdade e fraternidade. Isso não desapareceu de perspectiva por quase duzentos anos. A crença era de que o que havia de ruim era apenas o legado anterior que mantinha a sociedade amarrada a uma série de privilégios. Essa foi uma ilusão talvez, mas foi algo muito forte que dominou as expectativas da humanidade, pelo menos até o final do século XX, foram as chamadas utopias. (Jornal da UFRJ, 4/2006).

Da mesma forma as personagens de nossa narrativa busca essa satisfação, essa felicidade plena que se torna sempre utopia porque existe uma razão para o adiamento e até mesmo o esquecimento da dela, em detrimento de obrigações do passado e ou do presente em suas vidas.

Narrativa também marcada pela presença do Fantástico que ajudam a construir e também desconstruir a felicidade nos relatos das personagens que em muitos momentos como no em que Zeca e Luarmina se encontram no mar e os peixes aparecem boiando, tanto quanto no que citamos acima, ao falarmos de Maria Bailarina entre outros que ainda serão relatados, podemos observar essa presença. O fantástico é estudado em

muitas narrativas por Tzvetan Todorov em seu livro: *Introdução à literatura fantástica*, nele, o autor fala com especificidade sobre as características que um texto deve ter para que entre na categoria do fantástico, ao qual ele define: O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural e nesse relato percebe-se também que esse acontecimento que é insólito é o que também afasta as personagens da felicidade buscada por eles no encontro a dois dentro do mar. Vejamos os acontecimentos:

E explicou: havia uns caracóis que lhe lambiam as pernas, pastando nessas gorduras dela. Os bichos desqualificavam viscosas salivas sobre a vizinha e eu só pensava: mal empregadas as minhas próprias babas, com o devido respeito. E salvo seja.

- Dá licença eu entrar?

- Entrar onde?

- Nessa água que a senhora está a ser banhada.

Entrei, fui-me achegando perto da vizinha. Me entornei na água e fechei os olhos igual como ela. Minhas mãos fingiram ser caracóis, lesmas babadoiras lavrando nas coxas de Luarmina. Para meu espanto, a mulata não me repeliu. Meus dedos prosseguiram, cumprindo seu dever, pescando entre roupa e corpo. Espreitei pela esquina dos olhos: a gorda Luarmina estava flutuando, embevecida, parecia um navio repousando em desenho de criança.

De repente, porém ela soltou um grito. Emendei minha malandrice, mãos atrás das costas.

- Susto dona! O que foi?

Luarmina apontou qualquer coisa sobre as águas. Eram peixes mortos boiando.

-Veja, Zeca, são peixes sem olhos! (COUTO, 2000 p. 35-36)

O narrador expõe tanto aqui quanto em outros episódios acontecimentos fantásticos. Em torno do “romance” entre Luarmina e Zeca, surge uma indagação: seria ela a mulher pela qual seu pai havia cegado, abandonado a família e enlouquecido? Junto com essa dúvida que não foi esclarecida vem o acontecimento do único momento em que eles realmente se aproximam fisicamente, sem que nenhum deles se afaste por algum motivo. Eles se encontram sempre à tardinha e ele lhe conta coisas da vida. Um dia ele queimou algumas gaivotas de Luarmina e depois disso contou a ela o seu motivo. Ele já vivera um relacionamento, tinha sido casado e a esposa, Henriquinha, saía todos os domingos para a missa, mas enganava-o e se dirigia às Dunas e ali dançava nua para uma platéia. Assim ele forjou o calendário para que pensasse que era um domingo e a seguiu, quando a viu dançando na duna vermelha, a empurrou despenhadeiro abaixo em um misto de desejo e raiva, ouvindo apenas o grito de uma gaivota. Ele não ouve o barulho do corpo caindo e seu corpo nunca fora encontrado, nem enterrado.

Assim com mais esse evento de uma possível metamorfose de Henriquinha em gaivota, ele justifica sua aversão a elas e o fato de ter colocado fogo nas aves da mulata. Quando eles chegaram até as gaiolas uma permanecia viva, mesmo ficando entre chamas, a gaiola toda tomada pelo fogo, e ela estava ali branca e viva. Seria Henriquinha transformada? O que teria acontecido para aquela ave não ter se queimado como as outras? São esses tipos de hesitação, entre outras, que marcam o texto como fantástico. Filipe Furtado fala sobre o texto fantástico: “Assim um texto só se inclui no fantástico quando, para além de fazer surgir a ambiguidade, a mantém ao longo da intriga, comunicando-as às suas estruturas e levando-a reflectir-se em todos os planos do discurso.” (FURTADO, 1980, p. 40). O texto então deixa marcas claras e permite ao leitor que tem uma representação de mundo, transitar nessa leitura e não questionar os acontecimentos.

Segundo Flavio Garcia em seus estudos:

Nos textos do insólito ficcional, é comum a explicitação do(s) narratário(s) pela voz do narrador, podendo corresponder ou a outras personagens da história, a quem o narrador se dirige e transmite as mesmas sensações que os leitores reais, em seus atos de leitura, vão experienciar, ou, mesmo e diretamente, aos leitores, chamados no texto, muitas vezes, com o emprego de vocativos, com o que se resgata e ressignifica um recurso muito utilizado pelo sistema real-naturalista. Essa estratégia tem por efeito de recepção socializar com o leitor – representado pelo narratário – a dúvida, a insegurança e a hesitação do narrador, fazendo daquele seu cúmplice na fragilidade das (in)certezas narradas. Assim, a sensação de estar travando contato com o insólito chega ao narratário e, portanto e por extensão, aos leitores. (GARCÍA, 2009, p. 3- 4)

Logo o leitor é também forjado pelo gênero literário que ele lê, e são chamados, convocados pelo narrador, para responderem a questões do próprio texto. No momento em que ele e Luarmina veem os peixes boiando mortos, sem os olhos, eles estavam na eminência de se aproximarem e assim conquistar a tão sonhada felicidade. Mas será que seriam realmente e plenamente felizes se pudessem realizar seus desejos de aproximação? Mia Couto nos faz transitar com suas personagens em vários momentos e que eles na simplicidade da vida que levavam, adiavam o momento de serem felizes, sempre vendo em atos e conquistas futuras a plena satisfação.

Quando o pai Agualberto vai fazer a passagem, ele se recusa a passar, em uma de suas mortes, pela igreja dos brancos e isso o faz feliz, a possibilidade de proteger a sua cultura, ao passar pela árvore dos antepassados fala com Zeca:

- Esta é a nossa igreja, disse meu pai apontando a árvore. Ouviu Zeca?
- ouvi, pai.
- Diga ao padre Nunes que eu vim aqui, na árvore dos antepassados. Diga que eu vim aqui, não fui lá, ajoelhar na igreja dele... (COUTO, 2000 p. 60)

Assim, ao fazer a passagem, seu pai reafirma a necessidade de protegerem a cultura, religião, resgatar o vínculo com o passado do seu povo. Vemos então o quão importante é para os mais velhos manter viva nos mais novos, os seus descendentes, o desejo de perpetuar a cultura para que ela não se perca para sempre no conhecimento e no coração e na memória de toda uma geração.

Em busca da felicidade, ao adoecer, Zeca tem de sua amada uma confissão, após dizer que ele estava em dívida com seu pai, pois nunca cuidara da mulher que havia caído ao mar, ela confessa:

- Essa mulher que seu pai levava no barco, essa mulher nunca morreu.
- Como nunca morreu?
- Ela foi arrastada, salvou-se agarrada em madeira...
- Como sabe?
- Porque eu sou essa mulher. (COUTO, 2000 p. 67,)

Seria verdade essa confissão? Estaria ela apenas tentando consolá-lo antes de sua morte? Mas e os peixes mortos e sem olhos quando Zeca a tocara dentro do mar? Poderia ser alguém de outro mundo tentando evitar que os dois se aproximassem. Hesitações que também nos remetem ao passado. Mas essa confissão dá a ele tranquilidade, uma espécie de felicidade para passar pelo momento em que sua doença se agrava. Ao cuidar de Zeca em seu leito, Luarmina promete que volta e ele adormece:

Escutando o mar adormeci. Mas não era eu todo que adormecia. De igual maneira meu pai morreu em porções, agora eu caía em sono às partes, uma de cada vez. Primeiro foi a memória que tombou em abismo, inexistindo. Como se o mar ensinasse, por fim, minhas lembranças a adormecer. Como se a minha vida aceitasse o supremo convite e fosse saindo de mim em eterna dança com o mar. (COUTO, 2000 p. 68,)

A narrativa nos remete a forma leve de adormecer da personagem que “dorme” em porções, um sentido de cada vez, aprendendo lições com o mar que sempre fora seu companheiro. Sem sofrimento ele se vai pouco a pouco como seu pai que morre em porções , ele também adormece, mas se encontra com o mar tal qual Maria Bailarina se tornando seu eterno par. A leveza das coisas e dos sentimentos estão na importância que damos a eles e sobre peso e leveza nos fala Ítalo Calvino:

(...) devemos recordar que se a idéia de um mundo constituído de átomos sem peso nos impressiona é porque temos uma experiência do peso das coisas; assim não podemos admirar a leveza da linguagem se não soubermos admirar a linguagem dotada de peso. (CALVINO, 1990 p. 27)

Construir o destino, edificando também a felicidade ou viver aproveitando o que de bom a vida lhes oferece, essa é a grande indagação da vida dessas personagens - Zeca, Henriquinha, sua esposa e Luarmina sua amada e seu pai Agualberto -. Zeca passou parte de sua vida com a “culpa” pela morte da mulher e nunca conseguiu concretizar seu romance com Luarmina. Quando ele relata para sua amada esse acontecimento e se justifica por ter queimado suas gaivotas, narra também como “matou” sua esposa. Essa por sua vez buscava sua felicidade no cimo das dunas com sua dança e seu ritual de ficar nua para a platéia e finalmente Luarmina que passa toda sua vida “morta” por um acontecimento real, a queda do barco de Agualberto, que tornou sua vida, em uma espécie de “brincar de viver”, sem filhos, sem marido, guardando dentro de si a dor de não ter uma vida completa, com uma família.

Em sua “solidão”, apenas quebrada pela presença do vizinho a quem considerava apenas amigo, já que não se dá o direito de viver um romance de verdade com Zeca Perpétuo, que passa toda sua vida se justificando por todos os seus erros. E aguarda sua passagem enrolado aos lençóis que se “transformam em mar”, de onde vem os sons que o fazem acalmar, lhe traz tranquilidade e porque não dizer que o faz feliz, mar esse responsável por grande parte das suas realizações e preocupações, já que ali ele se fez pescador, ele vê seu avô fazer a passagem, testemunha a perda da visão por seu pai por amor a outra mulher que não é sua mãe e nesse mesmo mar ele vive momentos de desejo não realizados com Luarmina.

Nesse lugar de tanta representatividade, Zeca descansa aguardando em paz fazer sua passagem, embalado pela voz de sua amada que o convida para dançar e na impossibilidade dessa dança, ela, promete retornar para estar com ele.

Na voz do poeta Carlos Drummond de Andrade: “Ser feliz sem motivo é a forma mais autêntica de felicidade”. Em muitos momentos vemos isso na vida das personagens, sendo felizes na simplicidade do ouvir das histórias, ora inventadas, ora vividas, na tentativa de serem amados. Na sua simplicidade buscam às vezes de forma simples, outras das mais complicadas, a plenitude. Voltando ao parágrafo que abre a narrativa: Ser feliz só por preguiça, já que ser infeliz dá muito mais trabalho e faz mal a alma.

O texto em análise parece nos confirmar que felicidade é uma escolha, ou somos felizes, ou vivemos em busca eterna pela felicidade que se encontra sempre do outro lado do mundo.

Mar me quer é um texto que usa da verossimilhança, sem prescindir da beleza, leveza e clareza, ao tratar os problemas vividos por um povo que sofreu com a falta de escola, uma economia que não leva em conta a necessidade da população, em um país massacrado pela colonização, guerra civil e enfim, um povo que luta para não perder traços de sua cultura que também foi trazida pelo colonizador, mas que está arraigada nos seus ancestrais (o seu mais velho). O insólito permeia a obra trazendo para nossos dias traços culturais do passado que precisa ser presente para que eles existam no futuro.

A desejada e tão procurada felicidade que o ser humano persegue durante toda a sua existência e foi e é estudada por séculos em diversas áreas do saber como a psicologia, a biologia, a história, a filosofia e a antropologia. Há uma constante necessidade de compreendê-la e encontrá-la. A busca por esse ideal preenche esse texto de fatos que o tornam recheados de encantamento e faz percebermos quão importante é toda forma de literatura no trabalho do imaginário e da fantasia do leitor.

Referências:

CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio, lições americanas. Companhia das letras, 1999

COUTO, MIA. Mar me quer. Lisboa: Caminho, 2000.

FURTADO, F. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Horizonte, 1980.

GARCIA, F. “A construção do insólito ficcional e sua leitura literária: procedimentos instrucionais da narrativa”. In: KANTHACK, Gessilene Silveira; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do (org.). *Anais do I CONLIRE – Congresso Nacional Linguagens e Representações*. Ilhéus: UESC, 2009. Disponível em

http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/index.php?item=conteudo_anais.php.

LINS, Ronaldo Lima. *Nossa amiga feroz Breve história da felicidade na expressão contemporânea* . Rocco, 1993

<http://www.ronaldolimalins.com.br/resenhas%20e%20entrevistas.html>